



GÊNERO E ESCRAVIDÃO EM BERNARDO GUIMARÃES

Daniela Magalhães da Silveira¹

Na década de 1870, Bernardo Guimarães publicou um de seus romances mais conhecidos: *A Escrava Isaura*. Isso ocorreu mais precisamente no ano de 1875. Essa história impressionou, desde a época de sua publicação inicial, porque colocou no centro da trama uma personagem feminina escrava. Além disso, Isaura não era negra, conforme todos pareciam já estar acostumados. Essa pode ter sido uma estratégia de denúncia contra a escravidão que já havia sido utilizada pelo mesmo literato em 1871, quando deu vida e graça à Florinda, outra escrava “quase” branca, que compunha “Uma história de quilombolas”, conto pertencente às *Lendas e romances*². Nesse livro, podemos encontrar, além dessa história que servia de abertura, também aquelas intituladas “A garganta do inferno – lenda” e “A dança dos ossos”. Por hora, no entanto, interessa-nos apenas “Uma história de quilombolas”. Especialmente por causa do desenvolvimento de sua trama que mostra os conflitos vividos por homens e mulheres de cor num quilombo nas imediações de Vila Rica. É bom lembrar também que essa e outras histórias contadas por Bernardo Guimarães quase caíram no esquecimento. Com exceção de *A Escrava Isaura*, que se tornou reconhecida mundialmente por causa da novela estrelada por Lucélia Santos, na Rede Globo de Televisão, entre 1976 e 1977. Sendo assim, temos em nossas mãos um literato e um conto pouco conhecidos e reconhecidos tanto pela crítica literária como pela historiografia. Por outro lado, a historiografia brasileira tem sido bastante profícua no que diz respeito às relações entre história e literatura e também nos estudos de gênero e sobre a escravidão brasileira do século XIX. Esse acúmulo historiográfico contribuiu bastante para o desenvolvimento do estudo proposto por este artigo.

Outro fator de extrema importância que precisa ser considerado refere-se à participação de Bernardo Guimarães na imprensa brasileira. Conhecer mais sobre a trajetória dos periódicos que contaram com a colaboração desse literato pode nos ajudar a compreender as suas intenções, quando inseria em sua ficção personagens mestiças, bem educadas e tão semelhantes às sinhazinhas

¹ Doutora em História Social da Cultura pela Universidade Estadual de Campinas. Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. danielasilveira@hotmail.com. A pesquisa que originou esse artigo contou com o financiamento da Fapemig.

² GUIMARÃES, Bernardo. *Lendas e Romances*. Martins Fontes: São Paulo, 2006.



da alta sociedade. Nesse sentido, o objetivo deste artigo constitui-se em acompanhar a caracterização das personagens encontradas em “Uma história de quilombolas”, bem como o desenrolar de sua narrativa. O passo seguinte será o de buscar algumas informações a respeito do jornal liberal *A Reforma*, que contou com a colaboração de Bernardo Guimarães, tanto no espaço de folhetim como nas colunas localizadas na parte superior do periódico. Alguns estudos recentes que se debruçaram sobre a literatura brasileira, a partir de uma perspectiva da História Social, têm mostrado a importância de acompanhar justamente a inserção desses homens de letras e de suas histórias nesse suporte inicial, antes de ganhar o formato do livro.

Florinda: mulatinha bonita, feitiçeira, encantadora, voluptuosa...

Uma das chaves de leitura de “Uma história de quilombolas” pode ser encontrada, quando jogamos luz sobre a personagem Florinda. Foi em torno dela que toda a narrativa desenvolveu-se. Desse modo, a história contada por Bernardo Guimarães tem início com a conversa entre pai Simão e Mateus. Ambos os personagens encontravam-se num quilombo localizado “perto da carrancuda e negra serrania da Itatiaia, distante como quatro léguas do Ouro Preto, em um vasto grotão sombrio e profundo, coberto de espessíssima floresta”. Mateus então perguntava ao seu companheiro se conhecia “aquela mulatinha bonita lá de casa”. Diante de tal questionamento, pai Simão lamentava que a “mulatinha feitiçeira” estivesse na “mão de branco”. Nessa conversa, Mateus também revelava que sempre havia gostado de Florinda. Contava que tinha dado muitos presentes para a menina e que o seu senhor prometera que ela não se casaria “com mais ninguém” senão com ele. A harmonia do casal fora quebrada com o aparecimento de outro personagem: “um maldito capixaba, um diabo de um mulato pachola, todo engomado e asseadinho”, chamado Anselmo. Estamos, então, diante de um diálogo marcado pela forte presença das cores de cada um daqueles personagens. A reafirmação da cor servia para justificar tanto as qualidades positivas como as negativas. Além disso, ainda somos informados a respeito das escolhas de Florinda, que parecia ter namorado aquele que era também seu companheiro de cativeiro, recebendo presentes dele e permitindo que um futuro casamento fosse articulado entre senhor e escravo. Talvez nem Florinda, nem Mateus contassem com a chegada de Anselmo e com a possibilidade de a menina se envolver com outro homem e abandonar o seu primeiro namorado. Foi justamente isso o que aconteceu e, como Mateus já se considerava comprometido com a escrava, não aceitou perdê-la para outro homem. Mateus então



contou para pai Simão que, quando soube que Anselmo já havia recorrido ao senhor de Florinda e revelado as intenções de “forrar Florinda e casar com ela”, não aguentou e “desfeiteei o moço, e bati muito na rapariga”. Essa situação acabou sendo revidada, quando o novo casal procurou o senhor da menina que mandou dar uma “surra de bacalhau” em Mateus que contava nunca ter apanhado “nem um coque”. O escravo ainda recebeu a ameaça de ser vendido para longe, se continuasse insistindo em perseguir Anselmo e Florinda. Esse primeiro momento da história já nos oferece bastante material para reflexão. Sandra L. Graham mostrou, em *Caetana diz não*, os esforços de uma escrava para evitar que o casamento com um noivo escolhido por seu senhor fosse consumado³. Por sua vez, ainda ficamos sabendo, por meio da história de Caetana, como donos de escravas poderiam ter uma participação decisiva na vida matrimonial daquelas mulheres. Mesmo porque, quando se tratava de uma “escrava da casa”, garantir que a mesma fosse casada poderia ser percebido como uma fórmula de impedir que aquela mulher, que possuía livre trânsito pela casa, não seria também a responsável por influenciar de maneira negativa a formação das filhas de seus donos, por exemplo. Observamos, desse modo, como, para se casar com Florinda, seus dois pretendentes recorreram à benção senhorial. O encaminhamento da história daquela personagem dependia de forma imediata de seu senhor, ao menos era isso o que parecia acreditar Mateus e Anselmo. A menina, por sua vez, aceitou presentes de um e promessas de ter a sua liberdade comprada pelo outro, sem se preocupar com as consequências de seus atos. Acabou sendo sequestrada e levada para o quilombo de Zambi Cassange.

O momento seguinte da história contada por Bernardo Guimarães tem como foco justamente esse quilombo. Para revidar a humilhação sofrida, o escravo fugiu para um dos vários quilombos que pareciam existir espalhados por aquelas serras das Minas Gerais, e acabou acreditando que poderia sequestrar a menina e, por meio de feitiçaria, reconquistar o amor perdido. Mateus só não contava que seus rastros guiariam Anselmo até o quilombo e, principalmente, que Zambi Cassange poderia também se encantar por Florinda. Nesse ponto, o literato aproveita-se para explicar a organização do quilombo naquilo que dizia respeito às mulheres:

Posto que vivessem do latrocínio e assassinato, os quilombolas tinham certa organização interna, certa disciplina regular e severa, a que deviam sujeitar-se debaixo de rigorosas penas. Assim, a respeito de mulheres havia leis mui terminantes, próprias para reprimir excessos e devassidões, que em todas as sociedades são sempre um princípio de desorganização. Quando qualquer rapariga caía entre as mãos dos quilombolas, devia pertencer ao aprensor, contanto que isso fosse do agrado dela. Se assim não acontecia, poderia escolher o

³ GRAHAM, Sandra L. *Caetana diz não: Histórias de mulheres da sociedade escravista brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.



companheiro que quisesse; e se não aceitava nenhum, ficava à disposição do Zambí, que podia reservá-la para si, ou dar-lhe liberdade, conforme lhe aprouvesse. A infidelidade das mulheres era detestada e severamente punida; e também, por outro lado, quem contra elas cometesse qualquer desacato e qualquer atentado violento, incorria em rigorosos castigos⁴.

Talvez sem ter a intenção prévia, Bernardo Guimarães acabou deixando registrado que a sorte de Florinda não parecia ter mudado tanto assim, se comparada à situação anteriormente vivida na casa senhorial. Tinha apenas mudado de senhor. O novo problema encontrado era que agora seu novo senhor – Zambí Cassange – pretendia tomá-la para si. Para isso, no entanto, Zambí teria que se livrar da companheira dele, assim como dos dois namorados de Florinda. Mais uma vez, encontramos Florinda no centro de desavenças, embora Bernardo Guimarães não tenha se arriscado a dar voz à personagem. São sempre os homens que aparecem disputando-a, enquanto a mesma encontrava-se em algum canto chorando ou desmaiada. A mesma posição passiva não foi dada à mãe Maria, quem até aquele momento vivia com Zambí Cassange. Quando essa personagem feminina viu que poderia perder o seu posto de rainha dentro do quilombo, tentou manipular ambos os lados, provocando uma insurreição. Acabou sendo morta, num ritual que deveria lembrar o costume senhorial de castigar exemplarmente escravos traidores.

Na última parte do conto, vemos finalmente a realização do matrimônio de Florinda e Anselmo. O sacramento havia sido abençoado não apenas pelo dono da escrava, como também pelo governador das Minas Gerais, dom Manuel. Uma teia de poder masculino parecia envolver a decisão matrimonial de uma escrava. Em “Uma história de quilombolas”, por mais que Florinda tenha aparecido, a princípio, deixando-se cortejar e aproveitando-se das vantagens de alimentar o interesse de dois homens diferentes, logo a personagem foi inserida numa situação de total apagamento. Bernardo Guimarães parecia bastante interessado, desse modo, em pensar sobre os destinos da escravidão no Brasil. Suas escravas “quase” brancas indicam que a continuidade daquele sistema poderia branquear ainda mais a escravidão no país. Afinal de contas, com a realização do casamento de Florinda e Anselmo, dois mulatos, o casal poderia gerar filhos ainda mais brancos. Talvez por isso a insistência em alforriar a menina. Desse modo, as mulheres pareciam ser as responsáveis pela continuidade da escravidão, até a assinatura da lei de 28 de setembro de 1871. O literato acabou construindo uma personagem com desenvoltura para escolher o melhor casamento e que, quando se encontrou em apuros, comportou-se como uma sinhozinha branca. Florinda estava assim entre a escravidão e a liberdade.

⁴ GUIMARÃES, Bernardo. *Lendas e Romances*. Op. Cit. P. 38.



As cores dos personagens

Conforme viemos acompanhando, todos os elogios dirigidos à Florinda referiam-se à sua sexualidade. Bernardo Guimarães tentou construir uma personagem escrava que era ao mesmo tempo uma mulata voluptuosa e com um rosto que possuía “uma pureza e serenidade angélica”. O literato então se esmera na construção dos perfis dos personagens de “Uma história de quilombolas”. Florinda foi descrita como:

“uma linda criatura, e sua bela figura ainda mais sobressaía à luz de um fraco fogo, no meio dos hediondos objetos que a circundavam. Seus cabelos, que estavam soltos, eram compridos, e desciam-lhe em ondas miúdas pelo colo, que naquele lugar onde só se viam através de quase completa escuridão vultos negros como a noite, quase parecia alvo. Seus olhos grandes, pretos como jabuticabas e brilhando no meio das pálpebras arroxeadas pelo pranto à sombra de espessas sobrancelhas, pareciam dois pombos negros, espreitando cheios de pavor à porta do ninho o voo do gavião. As feições, a não serem os lábios carnosos e as narinas móveis, que se contraíam e dilatavam ao arquejo violento de seu coração, eram quase de pureza caucasiana. No corpo tinha esse donaire voluptuoso, essas curvas moles e graciosas, que são próprias das mulatas. Era flexível como o ramo de limoeiro, que ao menor sopro verga até beijar o chão, e ao mesmo tempo reergue-se donoso balanceando no ar o tope recamado de flores”⁵.

Quando nos deparamos com a caracterização de Florinda, observamos, mais uma vez, como Bernardo Guimarães tentava trabalhar com uma personagem escrava “quase” branca. Ao mesmo tempo em que seguia a tradição literária de construir mulatas sensuais, não abria mão de mostrar como a cor mais clara da menina garantiria qualidades intrínsecas à classe senhorial. Desse modo, conforme afirma Mariza Corrêa, as gradações naturais da cor garantiriam também o comportamento social de cada um daqueles personagens⁶. Sendo que, quando se tratava de uma mulata, parecia impossível não fazer qualquer referência à sexualidade. Os adjetivos que qualificavam Florinda colocaram lado a lado a cor de sua pele com o poder de sedução que possuía. O mesmo não ocorre com os personagens do sexo masculino que apareceram na trama, nem mesmo com mãe Maria, a companheira de Zambi Cassange. Em primeiro lugar, precisamos ressaltar como brancos e pretos apareciam em oposição, indicando a tensão e o ódio cultivado pelos quilombolas. Segundo Mateus, o coração dele estava “preto de raiva”, de modo que esse sentimento o motivava a querer “beber sangue de quanto branco há neste mundo”. Entre brancos e negros, encontravam-se Florinda e Anselmo. A primeira era a mulata sensual, enquanto o outro:

Era um moço bem-disposto, de fisionomia agradável, de olhos negros e expressivos; trajava com asseio e esmero, e os arreios de sua cavalgadura cintilavam ao sol, cobertos de prataria. Posto que de tez clara, todavia pela aspereza de seus cabelos negros e crespos, se conhecia claramente que tinha nas veias sangue africano. Em seu semblante risonho e expressivo transluzia a felicidade em toda sua plenitude⁷.

⁵ Idem. PP. 25-6.

⁶ P. CORRÊA, Mariza. 42.

⁷ GUIMARÃES, Bernardo. *Lendas e Romances*. Op. Cit. P. 15.



Quando comparamos as descrições feitas de Florinda com aquela que apareceu de Anselmo, vemos com mais clareza como o problema não era apenas racial, mas também de gênero. Enquanto Florinda era a mulata que despertava o desejo sexual de todos os homens, sejam eles brancos ou negros, Anselmo aparecia como um “maldito capixaba, um diabo de um mulato pachola, todo engomado e asseadinho” que tinha a sua descendência denunciada apenas por causa de seu cabelo. Bernardo Guimarães acaba assim reafirmando que, ao menos para os homens, a miscigenação seria capaz de transformar a população que formava o Brasil. Anselmo é habilidoso, consegue ajuda tanto do governador das Minas Gerais para desbaratar o quilombo e resgatar sua namoradinha, como também negociar com Zambi Cassange. Era um guerreiro de coração puro. Enquanto a cor parecia ter regenerado os hábitos selvagens que poderiam compor o personagem, ter a pele preta aproximava Zambi Cassange de uma figura quase demoníaca:

Era o Zambi um negro colossal e vigoroso, cuja figura sinistra e hedionda se refletia ao clarão do fogo, com as faces retalhadas, beijos vermelhos, e dentes alvos e agudos como os da onça; mas o nariz acentuado e curvo e a vasta testa inclinada para trás revelavam um espírito dotado de muito tino e perspicácia, e de extraordinária energia e resolução⁸.

Quando se trata do perfil dos quilombolas negros, fica bastante evidente o esforço de inserir características de animais. Talvez essa tenha sido uma tentativa da parte do literato de demonstrar como aquele homem ocupava um lugar abaixo na linha evolutiva. Zambi possuía força física e inteligência, no entanto parecia não saber utilizar essas características, pois seu lado selvagem acabava se sobrepondo ao humano. O mesmo ocorria com mãe Maria:

Uma preta curta e gorda, com a figura de um odre, já não muito nova, de olhos graúdos e esbugalhados, e por entre cujos beijos trombudos e revirados, sempre entreabertos, alvejavam dentes agudos e salientes como os do cão. Esta hedionda figura era a companheira fiel, a sultana favorita do ilustre e poderoso chefe Joaquim Cassange cujo gosto neste particular parece que não era dos mais apurados⁹.

Se Zambi Cassange ainda recebeu alguns elogios, o mesmo não ocorreu com sua “companheira fiel”. Observamos, desse modo, como questões relativas à cor de cada um desses personagens ajudaram ao literato na composição de seus comportamentos sociais. Aqueles que possuíam apenas sangue africano acabaram ficando num degrau abaixo, sendo comparados aos animais mais ferozes. Com isso, Bernardo Guimarães construía muito bem dois polos bastante distintos, com os brancos ocupando um lado e os negros o outro. No meio, estavam os mulatos Florinda e Anselmo. Talvez por isso o casal acabou recebendo proteção, porque representavam o branqueamento da nação. O único problema que ainda persistia era esse branqueamento valer

⁸ Idem. PP. 12-3.

⁹ Idem. PP. 29-30.



também para a escravidão. A solução encontrada pelo literato fora alforriar Florinda e deixar indicado o perigo da continuidade daquele sistema.

Outro ponto que chama bastante atenção, quando pensamos nessa caracterização racializada dos personagens, refere-se ao orgulho de ter ao menos uma parcela de sangue africano. Isso ocorria inclusive com os mulatos. Não havia a tentativa de querer se parecer com os brancos do ponto de vista físico, isso ocorria apenas com relação aos hábitos e costumes. Nesse sentido, Sidney Chalhoub demonstrou em trabalho recente como a condição de um negro liberto era precária, de modo que o mesmo poderia ser a qualquer momento reescravizado¹⁰. Sendo assim, talvez a melhor solução para quem fosse “quase” branco poderia ser a de tentar esconder qualquer resquício que pudesse associá-lo à escravidão. Não foi essa a estratégia adotada durante todo o tempo nem por Anselmo nem por Florinda. Quando se encontrou diante de Zambi Cassange, Anselmo fez questão de frisar que “eu também tenho sangue da África nas veias, e minha mãe penou no cativoiro”. Esse recurso foi utilizado com a finalidade de causar alguma identidade ou sentimento de aproximação entre os dois personagens. Por sua vez, o quilombola confundia Anselmo com branco e reafirmava não confiar em pessoas daquela cor. Florinda também não se aproveitou da sua cor para fugir e se misturar às mulheres brancas. Desse modo, quando perguntada por Zambi se gostaria de se tornar a rainha do quilombo, Florinda respondeu apenas que não era senhora de si para decidir aquilo – “sou de meu senhor”. A escrava talvez tenha se aproveitado da sua situação para não ter que enfrentar o seu algoz. Naquele momento parecia ser mais fácil e proveitoso comportar-se como uma escrava obediente. Mateus, no entanto, exigiu que Anselmo tratasse Florinda como uma “sinhá-moça”. Os personagens mulatos de “Uma história de quilombolas”, quando se encontravam com os egressos da escravidão, faziam questão de frisar o quanto ainda pertenciam a mesma situação, embora algumas vezes deixassem escapar trejeitos adquiridos com a convivência senhorial.

Finalmente precisamos ressaltar como os costumes e religião africana também foram acionados por Bernardo Guimarães, quando o literato teve a intenção de mostrar o lado selvagem dos aquilombados. A primeira vez que isso fica evidente na narrativa é quando pai Simão aconselha Mateus a usar de feitiçaria para fazer com que Florinda esquecesse Anselmo e aceitasse ficar com ele. Segundo pai Simão se aquilo dava certo até com “filha de branco”, porque não funcionaria com uma “mulatinha”. A tentativa de desvalorizar os costumes africanos e transformar os seus rituais em

¹⁰ CHALHOUB, Sidney. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.



situações que deveriam causar o terror ainda àquela época pode ser percebida com mais clareza no ritual de aceitação de Mateus no quilombo. Assim contou o literato mineiro:

Seguiu-se a cerimônia, a que o cabra se sujeitou pacientemente, lançando todavia olhares desconfiados em redor de si. Pai Simão abriu-lhe com a ponta da faca uma leve incisão no peito esquerdo, tirou algumas gotas de sangue, que recolheu em um pequeno saquitol de couro envolto com outros objetos de feitiçaria africana, e depois de bem cozido, o dito saquitol ou caborje foi pendurado por um cordão ao pescoço do cabra. O juramento consistia em horríveis palavras cabalísticas em língua africana, e do qual a tradição não nos deixou a fórmula. Os dois ajudantes do Zambi assistiram de pé e com religiosa atenção àquela sinistra cerimônia, que introduzia mais um neófito no grêmio dos quilombolas do Zambi Cassange¹¹.

Enquanto a cor servia para aproximar quilombolas de animais selvagens, os ritos religiosos apareciam descritos de forma a aterrorizar, provavelmente, os próprios leitores da história contada. Bernardo Guimarães não economizava na utilização de palavras que pudessem acentuar o caráter terrível e perverso do ritual. Os africanos e seus descendentes foram colocados como praticantes de uma religião que facilmente poderia ser associada à maldade e ao demônio. Do outro lado, quando finalmente puderam se casar, Florinda e Anselmo tiveram a sua cerimônia realizada na “linda e magnífica capela de Nossa Senhora do Carmo” e contou com a presença do “governador da capitania” e de “um grande número de cavaleiros e fidalgos”. É importante lembrar que a igreja escolhida para a realização do casamento não foi aquela que possuía santos negros – Nossa Senhora do Rosário –, mas a frequentada pelas pessoas mais ricas da localidade. Chama-nos atenção como o literato usava e abusava dos adjetivos e, quando se tratava de desqualificar os rituais africanos foi bastante severo, mostrando todos os seus preconceitos, em contraposição ao catolicismo e sua “linda e magnífica” construção.

Quando Bernardo Guimarães fez a opção de contar uma história sobre as dificuldades de um casal de mulatos para a realização do casamento, provavelmente, possuía uma intenção bastante específica. Sua estratégia foi a de desvalorizar tudo aquilo que fosse originário da África e mostrar como apenas por meio da miscigenação seria possível regenerar os costumes daquele povo. Desse modo, encontramos os personagens Anselmo e Florinda como os representantes do futuro da nação brasileira. O literato escolhia também se opor à escravidão, mas fazia isso de maneira bastante peculiar. Recorria a um recurso que parecia assombrar bastante à população branca. Ou seja, indicar que a escravidão poderia alcançar também os próprios brancos. Nesse sentido, Bernardo Guimarães não estava sozinho. Geralmente, nos dias anteriores à comemoração por causa da Independência Brasileira, havia nos jornais da Corte a tentativa de mobilizar as pessoas para que um número maior de brasileiros participasse daquelas festas. Os relatos sobre as festas apareciam nos números

¹¹ GUIMARÃES, Bernardo. *Lendas e Romances*. Op. Cit. P. 14.



posteriores ao sete de setembro. Foi isso o que ocorreu no ano de 1886. Assim, ao longo da descrição da comemoração, encontramos a seguinte notícia:

Começou depois a cerimônia de entrega das cartas, que eram dadas pelas mãos de Sua Alteza Imperial aos libertandos.

Estes, em número de 60, estavam divididos em turmas, que eram apresentadas, de dois em dois indivíduos, pelos vereadores.

Ao Sr. visconde de Santa Cruz coube apresentar as cartas de dois homens perfeitamente brancos, e muito bem vestidos.

Sua Alteza, voltando-se para o Sr. vereador, perguntou:

- Quais são os libertandos?

O Sr. visconde respondeu que eram aqueles.

Houve um movimento geral de curiosidade, e Sua Alteza Imperial entregou as cartas aos dois homens, acompanhando-os com um olhar de profunda pena, até desaparecerem pela porta que dá para uma das dependências do arquivo, onde estavam os outros libertos¹².

Fica evidente, assim, como aquela sociedade achava natural escravizar negros, mas quando se tratava de brancos causava uma “profunda pena”. Talvez tenha sido esse o sentimento que Bernardo Guimarães tentou despertar em seus leitores, enquanto contava as agruras enfrentadas por Florinda e Anselmo. É bem provável que essa fosse a sua estratégia de denúncia contra a escravidão. Era preciso acabar com o sistema, antes que o mesmo atingisse pessoas brancas, bem vestidas e com hábitos europeus. Ao lado disso, precisamos ainda nos recordar que, com esse embranquecimento, poderia se perder também o controle sobre a própria escravidão. Pois, eram apenas os negros que precisavam provar a todo instante a sua liberdade.

A Reforma

A Reforma: órgão democrático começou a circular no Rio de Janeiro a partir do dia 12 de maio de 1869 e permaneceu até o dia 31 de janeiro de 1879. Possuía como redatores Francisco Octaviano, Rodrigo Otávio, Joaquim Serra, Afonso Celso de Assis Figueiredo, Cesário Alvim, Frederico Rego e Lafayette Rodrigues Pereira. Entre os colaboradores encontram-se os nomes de Joaquim Manuel de Macedo, Bernardo Guimarães, Joaquim Nabuco, José de Patrocínio entre outros. O diário possuía escritório na Rua do Ouvidor, nº 148, e as assinaturas custavam 5\$000, para a Corte, e 6\$500 para as províncias por um período de três meses. O número avulso era vendido a cem réis. É interessante observar a participação do autor de “Uma história de quilombolas” nesse periódico, por causa da coincidência entre o seu período de circulação e a publicação do conto. Sabemos também que aqueles homens de letras não costumavam participar de empreendimentos aos quais não concordavam com as propostas e direcionamento político. Nesse

¹² *Gazeta de Notícias*, 8 de setembro de 1886.



sentido, *A Reforma* parece-nos bastante importante para a compreensão das intenções de Bernardo Guimarães, quando se dispôs a contar a história de Florinda e Anselmo. Precisamos, portanto, compreender um pouquinho a respeito do diário em questão.

Logo no cabeçalho do jornal, os leitores encontrariam a seguinte informação: “**Não se admitem** testas de ferro”. No primeiro número, aparecia também o editorial assinado por F. Octaviano. Nesse primeiro artigo, somos informados a respeito da tendência liberal do jornal e também sobre o tipo de linguagem que seria adotado por seus colaboradores. Aqueles homens de letras utilizariam “o fino epigrama, a agudeza picante, mesmo a sátira que não ultrapassa certos limites, hão de espantar dos escritos a grosseria e a impolidez, ao passo que a frase concisa e singela há de repelir de nossas assembleias os períodos retumbantes e massadores”. O jornal informava, assim, que trataria de temáticas relativas às principais decisões políticas do país sem, no entanto, utilizar-se de um vocabulário insultuoso. Como uma das principais temáticas discutidas por aquelas páginas dizia respeito à continuidade da escravidão, a mesma estratégia deveria ser aplicada. Sendo assim, logo naquele primeiro número apareceu o “Programa do Partido Liberal”, que, aliás, servia de princípio básico para a própria folha. Sobre a emancipação dos escravos, defendia a “liberdade de todos os filhos de escravos” e a “alforria gradual de todos os escravos existentes”. Nesse mesmo número ainda aparecia os comentários de Nabuco de Araújo a respeito de um projeto elaborado por uma associação de Limeira, que propunha o final da escravidão. O comentador colocava-se a disposição da associação, afirmando que a emancipação poria “o Brasil entre os povos civilizados, dos quais é ainda triste exceção, enquanto tiver escravidão”. Quando fazia essa afirmação, Nabuco de Araújo colocava-se de acordo com os argumentos levantados por Bernardo Guimarães. Ou seja, a continuidade da escravidão causava prejuízo aos brancos. Afirmando também que, para a independência completa do país, seria necessário ainda conceder a liberdade aos escravos. Para comentar o projeto de emancipação, o articulista acabou fazendo várias referências ao mesmo. Desse modo, de acordo com o referido projeto, a previsão para libertar o ventre escravo estava marcada para 1º de janeiro de 1880. Outra data marcada referia-se àquela da abolição completa, que ocorreria apenas no dia 1º de janeiro de 1901. É interessante observar como, na verdade, a associação de Limeira pretendia mesmo era adiar o processo que estava em discussão, enquanto Bernardo Guimarães esforçava-se por colocar seus leitores diante uma situação que previa a escravidão de brancos. Desse modo, o que estava em jogo era o bem estar dos brancos, mas existiam diferentes maneiras de propor o final daquele sistema, seja afirmando que era para o bem



da civilização brasileira, para que os brancos não fossem escravizados e até mesmo aqueles que sutilmente pretendiam adiar essa data.

Diante do projeto de Limeira, aparecia o “parecer” de Nabuco de Araújo, afirmando que:

Se a patriótica associação de Limeira adota o grande pensamento de por termo à escravidão, não pode sem contradição adiar para 1880 a liberdade das gerações futuras.

A respeito dos escravos atuais, há razões política e econômicas que autorizam o adiamento, ou as providências graduais e sucessivas¹³.

Ou seja, havia algum acordo entre fazendeiros e parecerista. A dissensão encontrava-se com relação à liberdade do ventre escravo. Para tanto, Nabuco de Araújo questionava sobre a necessidade de “envolver na escravidão mais esses milhares de homens que hão de nascer nos dez anos que decorrem até o dia prefixo no projeto”. A partir da leitura dessa coluna, é possível observar como questões relativas ao término da escravidão estavam tornado-se ponto de pauta e recebiam defesas bastante diferenciadas. Da mesma forma, observa-se como *A Reforma* reiteradas vezes, desde esse primeiro número, enfatizou a importância de antecipar a data da abolição, mesmo quando defendia a necessidade da gradualidade do processo. Seguindo essa mesma lógica, o artigo publicado depois do “parecer” de Nabuco de Araújo fora assinado por Tavares Bastos e intitulava-se “A emancipação e o governo imperial”. Esse outro articulista questionava o silêncio da “Fala do Trono” sobre a escravidão naquele ano de 1869. Para tanto, citava os pronunciamentos de 1867 e 1868 que haviam prometido tomar medidas contra o sistema escravista. De acordo com Tavares Bastos, o problema estava no gabinete conservador. Assim concluía o raciocínio:

Ao país, porém, damos pêsames: cubra-se ele de luto; está perdida toda a esperança. Mas acalente-se o povo: em 1850 os conservadores reprimiram o tráfico quando os canhões ingleses violavam o território e a soberania nacional; só então quebraram os conservadores os laços que os prendiam aos chefes do contrabando. Dessa vergonha tiremos lição: veja o povo que no mundo civilizado só há um governo escravagista; é o atual governo do Brasil¹⁴.

Existia nas páginas daquele periódico uma tentativa de transformar em urgência o término da escravidão para a civilidade do país. Ou pelo menos de tornar aquele assunto uma temática obrigatória das discussões políticas. Essa parecia ser não apenas a opinião de um ou outro colaborador, mas uma das causas principais da sua publicação. Com a escrita de “Uma história de quilombolas”, Bernardo Guimarães transformava a pauta política do jornal em um problema que poderia ser discutido sob a forma literária. Embora o conto tenha aparecido apenas no livro, sem fazer parte, por exemplo, do folhetim do periódico, é possível aventar que o literato tenha se

¹³ *A Reforma*. 12 de maio de 1869.

¹⁴ Idem.



aproveitado de várias das discussões que apareceram nas colunas do jornal do qual era colaborador e leitor para a composição da sua narrativa.

Considerações finais

Vários homens de letras que produziram suas histórias ao longo do século XIX se dispuseram a inserir em suas narrativas personagens escravos e escravas. Conforme defendeu Giovana Xavier, há uma convergência entre homens de letras do oitocentos no sentido de associar características físicas a qualidades/defeitos morais¹⁵. Especialmente quando se tratava das personagens femininas. A especificidade de Bernardo Guimarães foi sua insistência em acentuar as diferenças de cores entre os próprios escravos. Talvez essa tenha sido a tentativa de contribuição desse escritor para a formação do “povo” brasileiro. Ou seja, mostrar a necessidade de acabar com a escravidão, alertando para o fato de que os descendentes daqueles escravos formariam o futuro do país. Nesse sentido, estudar a escravidão, tendo como porta de entrada a literatura, pode nos ajudar a compreender melhor os projetos criados ao longo daquele período, bem como as discussões suscitadas entre políticos e literatos. Mas não somente isso: poderemos aprender de forma mais sistematizada quais as diferenças entre os projetos para a nação, quando consideravam o final da escravidão e quais os lugares estariam destinados a brancos e negros, homens e mulheres.

Bernardo Guimarães não foi um autor que se escondeu ou que tentou entrar no debate apenas indiretamente. Suas narrativas foram construídas a partir do desejo de transformação de uma sociedade. Para tanto, o literato se esmerou na construção de personagens e situações que deveriam instigar, provocar e até mesmo incomodar a muitos de seus leitores. Por isso, a necessidade de ler suas histórias, pensando para além do próprio texto, mas tentando articulá-lo com os debates políticos que ocorriam àquela época. Essa tem sido, aliás, a tendência dos trabalhos que se dispuseram a pensar a História a partir das histórias contadas por diferentes literatos que produziram ao longo do século XIX.

Fontes

¹⁵ XAVIER, Giovana. “Entre personagens, tipologias e rótulos da ‘diferença’: a mulher escrava na ficção do Rio de Janeiro no século XIX”. In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto & GOMES, Flávio (orgs.). *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2012.



GUIMARÃES, Bernardo. “Uma história de quilombolas”. In: *Lendas e romances*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

A Reforma: órgão democrático. 12 de maio de 1869.

Gazeta de Notícias. 8 de setembro de 1886.

Bibliografia

CHALHOUB, Sidney. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CORRÊA, Mariza. *Sobre a invenção da mulata*. Cadernos Pagu (6-7) 1996. Pp. 35-50. Disponível em <http://www.pagu.unicamp.br/node/45>. Acesso em 20/02/2013.

GRAHAM, Sandra L. *Caetana diz não: Histórias de mulheres da sociedade escravista brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

XAVIER, Giovana. “Entre personagens, tipologias e rótulos da ‘diferença’: a mulher escrava na ficção do Rio de Janeiro no século XIX. In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto & GOMES, Flávio (orgs.). *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2012.